

DOSSIÊ 2 - Epistemologias somáticas na pesquisa artística

CORPORALIZAÇÕES VIRULENTAS: PRINCÍPIOS SOMÁTICOS NA PESQUISA EM ARTES CÊNICAS

VIRULENT EMBODIMENTS: SOMATIC PRINCIPLES IN PERFORMING ARTS RESEARCH

Raquel Souza Parras ¹
Franclin Correia da Rocha ²

RESUMO: A presente escrita evidencia percursos em Prática Artística como Pesquisa (PaR), evocando a Somática, seus princípios e metodologias como caminho para a pesquisa em Artes Cênicas. As pessoas autoras expõem suas experiências a partir da vivência no componente curricular Epistemologias Somáticas na Pesquisa Artística, ministrado pelo Prof. Dr. Diego Pizarro no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia (PPGAC/UFBA). Nesse contexto, práticas e abordagens somáticas são inter-relacionadas aos processos criativos no Mestrado. Propõe-se que a pesquisa seja corporalizada, revelando um campo múltiplo, aberto e em constante expansão multimodal, conforme a PaR sugere na produção e compartilhamento de saberes contra-hegemônicos. Com temáticas de pesquisa distintas, as pessoas autoras adotam os princípios somáticos como eixo para corporalizar as palavras, transitar por experiências passadas e presentes e imaginar/criar o vindouro no devir e(m) prática. As perguntas da sessão Oportunidades que a Somática nos dá para pesquisar serviram como chave para a elaboração desta escrita, em fluxo com o que move as pesquisas. As pessoas autoras recorrem a outras formas de escrever para ancorar e aproximar esse processo de escrita da prática corporalizada e dar vazão às experimentações somáticas como um novo paradigma expandido de conhecimento, pesquisa e modo de viver e se relacionar com o mundo de forma transdisciplinar, indisciplinar, espiritual, onírica, dentre outras.

Palavras-chave: Prática como Pesquisa; Somática; performance; corporalização.

ABSTRACT: This piece of writing highlights pathways in Practice as Research (PaR), evoking Somatics, its principles, and methodologies as an approach to research in the Performing Arts. The authors share their experiences within the course Somatic Epistemologies in Artistic Research, taught by Diego Pizarro in the Graduate Program in Performing Arts at the Federal University of Bahia (PPGAC/UFBA). In this context, somatic practices and approaches are interrelated to the creative processes in the Master's degree. It is proposed that research be embodied, revealing a multifaceted, open, and constantly expanding multimodal field, as PaR suggests in producing and sharing counter-hegemonic knowledge. With distinct research themes, the authors adopt somatic principles as a framework to embody words, engage with past and present experiences, and imagine/create the future in the becoming and/in practice. The questions posed session Opportunities that Somatics Offer Us for Research served as a key to the development of this text, aligning with what drives both research projects. The authors draw on alternative writing forms to anchor and bring the writing process closer to the embodied practice.

Keywords: Practice as Research; Somatics; performance; embodiment.

Os princípios somáticos de nossas práticas

Falar sobre experimentações corporais em aulas/sessões e na vida é rememorar e mover princípios de práticas em nós — princípios somáticos. Os processos de/em movimento deslocam-se fisicamente e etereamente em vários níveis de complexidade (Pizarro, 2020) e níveis de Realidade (Nicolescu, 1999) que coabitam com a sabedoria somática e o conhecimento tácito somático (Scialom, 2022); afinal, cada ser é um corpo vivo (*soma*) em multiplicidades relacionais consigo mesmo, com outros humanos, não humanos e o ambiente, “entes ecológicos” em “possibilidades complexas de ser-viver” (Santos, 2022, p. 149).

É pelo movimento que a pesquisa se dá em *continuum*, em fluxo ininterrupto que se constitui em intenção, interação, atenção, intuição, experiências práticas físicas, sutis, imaginárias, oníricas, espirituais, entre outras. A partir do momento em que se abrem campos rizomáticos (Pizarro, 2020) e poéticos para se pesquisar, passa-se a enxergar e perspectivar o entorno-mundo com lentes do seu tema de pesquisa, seu interesse e intenção — sem separar o sujeito do objeto da pesquisa, sendo o ente simbótico experimentador. Os desdobramentos dessas visões, óticas e miragens passam, perpassam e atravessam nossos corpos imbuídos de quereres, vestígios, rastros e rasgos para debruçarmo-nos sobre inquições ofertadas pelo cotidiano, transfiguradas em dados a serem coletados e analisados, em prática. A pesquisa que se guia por princípios somáticos não segmenta momentos ou elenca-os para se dar em acontecimentos, mas abre espaço por meio desses ditos campos, para confluências que acontecem no viço do viver e do envolvimento com as pulsões criativas vivas-artísticas. Seres guiados por princípios somáticos na pesquisa fazem e desfazem-se (como microtúbulos do citoesqueleto)¹ no chão da vida,

no oceano interno e externo,
no lastro deixado

pela memória,
pela história permeada do/no corpo
pelo ceder e empurrar
).pelo descanso

p r o f u n d o

pro fundo
de si

de cada célula
dentro e fora
R E S P I R A N D O
dentro e fora

forjando outrora
outros modos de vida
que fazem & desfa zem

em si, a si

movendo

moVendo

movendo...

O movimento é também pensamento (Varela *et al.*, 2003; Bainbridge Cohen, 2015), é palavra que quiseram dominar para, assim, colonizar os corpos, mas, como campo de disputa epistêmica, afirmamos o conhecimento pelo movimento visível e invisível, infinitesimal, sentido, percebido e comunicado não apenas por palavras, mas por sensações, desenhos, performances, grafias-outras em posicionamento contra-hegemônico, contra castrações acadêmicas e outras amarras aprisionadoras de imaginários, cosmo-percepções e subjetividades. O conhecimento se dá também nas alterações e autorregulações necessárias, nas angulações, modulações, pontos de partidas, convergências, dissonâncias e experimentações no performativo, na teatralidade, em dinâmicas fluidas que alteram a relação do que a branco-ocidentalização construiu como universal e, portanto, válido. Pensamento vivo, movente, multimodal, ao invés de limitantes validações hieráticas, são vias permeadas pela Somática e seus princípios em Prática Artística como Pesquisa (PaR) nas Artes Cênicas e em outras pesquisas artísticas.

Urge produzirmos novas formas e formatos da pesquisa em arte no intuito da expansão e alargamento das produções de conhecimento, e a Somática é um campo a ser explorado e vivenciado neste caminho e em outros mais que ousemos imaginar, sonhar, criar, uma vez que seus princípios confluem com as noções expansivas da transdisciplinaridade, operando entre, através e além das disciplinas (Nicolescu, 1999), e com a ecologia dos saberes (Nóbrega, 2023), desviando de normativas epistemológicas e científicas reducionistas. A disputa por locais criativos e sem amarras (na academia e além) não pode ser espaço de privilégio, não pode continuar a perpetrar o habitar colonial (Ferdinand, 2022), estigmas sociais, estereótipos e qualquer tipo de preconceito ou alijar de corpos; ao contrário, tem de ser democrático e político dentro dos currículos, incentivados à pesquisa, permanência estudantil, políticas estudantis, do bem-viver (Krenak, 2020), públicas e culturais.

Além disso, modos interartísticos de pesquisar abrem um leque de possibilidades para além do enfoque acadêmico quantitativo racionalista, instaurando um campo neurodiverso acessível e necessário (Fernandes, no prelo).

Portanto, a Prática Artística como Pesquisa no país está associada à justiça social, à igualdade de direitos, à diversidade, à hibridez, assim como a abordagens somáticas e ecológicas (Fernandes; Scialom, 2022, p. 14).

¹ O citoesqueleto é uma complexa rede composta por proteínas estruturais que têm como funções manter a forma da célula, fornecer suporte para algumas organelas citoplasmáticas e organizar as atividades intracelulares. [...] O citoesqueleto é constituído por três tipos de proteínas estruturais: os microtúbulos, os microfilamentos e os filamentos intermediários. [...] A função dos microtúbulos é moldar e sustentar a célula (Pizarro; Cunha, 2017).

A insurgência somática imbricada - praticada - pode indicar caminhos em (in)disciplinares exercícios continuados extensivos de alteração da consciência-arraigada-no-lócus-encéfalo, para outras mentes corpóreas/celulares e, assim, poder alterar visões e práticas unívocas do mundo para modos de vida mais corporalizados, para um **conhecimento corporalizado** (Fernandes; Pizarro; Scialom, 2024). Tal conhecimento, que não está entre os ditames hegemônicos de corpos docilizados, mas que retoma-remolda um fazer-mundo (Ferdinand, 2022) contracolonial, expandindo perspectivas emancipatórias do corpo, do mundo e além.

[...] os tabus ligados à corpo enredam-no como subalterno aos ditames do dualismo de propriedade ou de autômato condicionado por crenças e hábitos, alienado. Boa parte da discursividade sobre corpo proveniente de vários campos de conhecimento abrigam convicções deterministas, mecanicistas, materialistas, racionalistas, logocêntricas, antropocêntricas e nela boa parte prevalece ou perdura (Queiroz, 2021, p. 959).

O processo de corporalização, que “implica em iniciar a respiração, o movimento, a voz, a consciência e o toque a partir de qualquer célula e/ou grupo de células (como tecidos e sistemas) e em testemunhar o que surge” (Bainbridge Cohen, 2015, p. 280), é uma via importante de ressaltarmos para criar/oportunizar ações (micro e macro), que se dão pela experiência, pelo conhecimento tácito somático, que são contra-hegemônicas, holísticas, políticas, artísticas, *arthivistas*², culturais, espirituais, entre tantas outras nos fazeres-pensares em diversas áreas e campos do conhecimento, das ciências duras às pesquisas em arte. Sendo assim, um fértil processo-pensamento-plantio do coabitar de espécies e naturezas distintas, que compartilham o Todo-Terra e assim compartilham-se a si, entes relacionais em imersão no ambiente, entes ecológicos.

Ben Spatz (2019, p. 10, tradução nossa), coloca que a corporalização “tem o potencial de iniciar ou reinventar uma ética e uma política em que a vida, a sobrevivência, a vulnerabilidade e a ecologia seriam termos-chave”. A partir dessa perspectiva, nos perguntamos: como escrever/desenhar/grafar a partir do **soma** e seus movimentos internos e externos? Como traduzir e transduzir³ experimentações e sensações em criações performáticas, documentais, ficcionais, para exprimir, comunicar, alargar campos, cenas, discussões, olhares, imaginários de vida e não de morte? Como se propor, em princípio somático da pesquisa, à presença em atenção e intenção ao que se elenca imprescindível? Como ancorar a pausa-movimento na respiração celular em descanço profundo, movendo estruturas internas e assim mover o mundo? “Na camada ou no aspecto mais profundo, a respiração é

celular. Esse é o nível básico do qual dependem nossos processos vitais e a nossa sobrevivência” (Bainbridge Cohen, 2015, p. 284).

Qual é o tempo que vamos ter e que vamos nos dar, na engrenagem **hipercapitalista**, para tal imersão que confluí para engendrar novas formas da produção de conhecimento na academia? “[...] podemos exercer uma possibilidade interessante para o alcance de uma criatividade mais expandida: concebermos, cada vez mais, nossa potência criativa como dinamização de nossa corporalização, e explorar isso intencionalmente de diferentes maneiras” (Souza, 2020, p. 26).

Para pensar as artes corporalizadas, temos de ir além da dissolução das divisões disciplinares que estruturam as artes performativas ocidentais e reconhecer a mistura e a sobreposição das artes performativas com as artes marciais, as artes curativas, as artes rituais e as artes sexuais, etc. — todos os campos da arte e do conhecimento em que as possibilidades da própria corporalização estão em primeiro plano. Tais conexões foram examinadas e exploradas, mas as nossas teorias e métodos permanecem, em grande parte, presos a divisões arcaicas e coloniais por razões políticas, institucionais e epistemológicas (Spatz, 2019, p. 13, tradução nossa).

Na busca por expandir as conexões e explorar as possibilidades corporalizadas, perguntamos: e se as práticas somáticas fossem virais e contaminadas? E se as práticas somáticas fossem práxis metaforicamente virais, uma episteme que contaminasse nossos modos de vida com conhecimento corporalizado em movimento? Não como um vírus, por exemplo, do HIV (Vírus da Imunodeficiência Adquirida), que causa doenças como a Aids (Sida – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), mas como algo que altera, que cria mudança e transforma nossas vidas e jeitos de viver, de pesquisar, de se mover e construir conhecimento.

A Somática é um campo contemporâneo de conhecimento que se ocupa de um paradigma próprio, cujos movimentos e práxis vêm sendo desenvolvidos na pesquisa acadêmica por 50 anos. Entre suas premissas fundamentais está o entendimento da consciência celular, como desenvolvido por Bainbridge Cohen (2020), como lócus de sabedoria em transformação. Isso significa que cada célula do nosso corpo e os tecidos formados por um conjunto delas, possuem um tipo de conhecimento ou pensamento único e singular, relacionado à sua função e origem embrionária. (Fernandes; Pizarro; Scialom, 2022, p. 201)

Nestas palavras organizadas aqui, como já convencionado em sugestão no início do parágrafo anterior e até mesmo antes, a escrita já foi contaminada, infectada pela Somática, pela nossa

² O neologismo passou a ser utilizado pelo Movimento Social de HIV e Aids como forma de firmar a atuação destes civis em busca de políticas públicas específicas no combate à disseminação do vírus.

³ Converter ou transformar um tipo de energia em outra. Da raiz latina *ducere* (“conduzir” ou “levar”), sugerindo a ideia de transportar ou transformar algo de uma forma para outra.

corporeidade que, em fluxo constante, informa e é informada. E sobre esse campo de conhecimento, é importante evidenciar que:

[...] aponta o uso do termo com letra maiúscula para se referir ao campo de conhecimento da Somática (*the field of Somatics*) (HANNA, 1976). A palavra é um neologismo criado por Thomas Hanna nos anos 1970 para designar práticas corporais não convencionais preocupadas com a integração de múltiplas dimensões da existência: corporal, mental, emocional, energética e espiritual. Esta última foi negligenciada por Hanna, uma vez que o pesquisador se empenhou em enquadrar a Somática especificamente em seu aspecto biológico (Fernandes; Pizarro; Scialom, 2022, p. 200-201).

Embora Hanna enquadre em específico o aspecto biológico, nós não, e flertamos com a dimensão espiritual, energética e em saúde expandida para uma experiência performática, multidimensional, rizomática que contamine nossas pesquisas. Traremos, mais adiante, na tentativa de traduzir o que emerge em nós em conhecimento corporalizado, expressão e manifestação em movimentos múltiplos, a experiência vivida com nossos Mapas Somáticos. Que foi a abordagem somático-pedagógica para registro em fluência com e a partir das práticas desenvolvidas no componente modular optativo Epistemologias Somáticas na Pesquisa Artística (ESPA), que teve encontros diárias em uma semana de setembro/2023, pelo PPGAC/UFBA, em Salvador–BA. Esse mapa é um pouco maior do que a altura da pessoa, na qual cada uma teve seu corpo contornado por outro colega, a fim de ter sua forma corporal como disparadora dos registros das práticas experienciadas. Os mapas foram feitos em papel kraft/metro com giz pastel, canetinhas, giz de cera, entre outros materiais de registro para a produção de desenhos, escritos e colagem de acordo com a experiência e necessidade de cada pessoa, em resposta às indicações e provocações de Pizarro.

Voltando ao breve panorama sobre como se deu a noção de **infecção viral** via Somática pela primeira vez, para a escrita do presente texto, segundo Pizarro (2020, p. 147): “Somática é um campo epistemológico contemporâneo transdisciplinar de ecologia profunda na primeira pessoa do plural, movendo dimensões indisciplinares”. Quando nos aproximamos e somos infectados pela prática somática, passamos a reconhecer seu uso em nossas práticas artísticas e no desenvolvimento das metodologias de nossas pesquisas, que se apresentam de forma movente, tendo espaço para serem delineadas e descobertas em fluxo, em prática. Em específico para Rocha, sobre a temática hiv/aids⁴ — os silêncios, as invisibilidades, os estigmas sociais, entre outras violências, nas quais investiga em sua pesquisa, vieram com a pergunta “o que me move, e como sou co-movido?”. Pergunta

sugerida por Ciane Fernandes como caminho para pesquisar, no Laboratório de Performance (TEA 794) — componente curricular do PPGAC/UFBA em 2022.2.

A virulência somática se dá na experiência de Rocha, quando ele participa como aluno especial do componente Laboratório de Performance e inicia como aluno-pesquisador em investigação pela Pesquisa Somático-Performativa (Fernandes, 2012), que está sob o guarda-chuva da PaR. A abordagem permitiu que, após três semestres consecutivos no laboratório, Rocha reconhecesse alguns princípios somáticos em suas práticas artísticas como **performer**. “Vivemos um momento frutífero de transformação, em que as pessoas movidas pelo conhecimento somático, e também (as/os) artistas, estão mais do que nunca interessados em refletir sobre/com o que fazem” (Pizarro, 2020, p. 147). Destacaremos a seguir como essa contaminação se desenvolve na tentativa de um **trançamento** dos princípios trazidos por Fernandes e Pizarro em suas práticas somáticas, dando foco às que foram desenvolvidas no componente SPA. É importante ressaltar que ambos os autores deste texto cursaram o Laboratório de Performance, uma experiência fundamental para o desenvolvimento de suas pesquisas, no desvelar de suas metodologias e(m) processos criativos.

Oportunidades que a Somática nos dá para pesquisar

No SPA, as práticas aconteceram durante uma semana com imersões em sala de aula e também na praia. O objetivo foi que, nesses encontros, cada pessoa participante-aluna desenvolvesse seu mapa somático da pesquisa de Mestrado ou Doutorado. Após a aula introdutória, experimentamos as estruturas do nosso oceano interno: micro e macro, nutrindo, desintoxicando, oxigenando, pela corrente sanguínea, com o sangue deixando a memória e o imaginário seguirem seus próprios fluxos, mergulho em si na horizontalidade, sustentados pelo chão em descanso profundo — celular, buscando conforto, buscando ceder em processos de corporalização.

Anotávamos no mapa, após as experiências: palavras, imagens, questões, perguntas de nossas pesquisas, atentos à nossa realidade corporal (Pizarro, 2020). Pensando e movendo a partir e com nosso sistema nervoso, sensório-motor, esquelético, aparelho digestório, a partir de nossos órgãos, fluidos sinoviais, Padrões Neurocelulares Básicos de desenvolvimento (*Body-Mind CenteringSM*), reconhecendo, em embriologia corporalizada, o **corpo da frente, de trás e do meio**, somatizando, imaginando os resquícios da notocorda, da medula, da coluna vertebral e a relação embrionária em anatomia exploratória (Aposhyan, 2001). Sendo experiência amalgamada em prática virulenta e infectada, fomentada por perguntas e conduções de Pizarro,

⁴ A sigla AID\$ com cifrão tem sido utilizada pela Organização Social de Arte, Educação e Pesquisa em AID\$ Loka de Efavirenz como uma forma de chamar a atenção para a lucratividade das grandes indústrias farmacêuticas, oferecendo uma crítica à exploração econômica envolvida no tratamento do HIV/AIDS.

as quais registrávamos no mapa: as vibrações em partes do corpo, sensações e percepções, a partir de algumas abordagens desenvolvidas com princípios somáticos. Em uma das sessões de práticas, surgiu uma pergunta feita por Pizarro: “o que é viral e contamina a pesquisa?”. A pergunta serviu como chave para o desenvolvimento das pesquisas, em específico da pesquisa de Rocha, e do que está posto no presente texto.

Sobre a feitura dos mapas somáticos e também nas práticas em somatizações e corporalizações, algumas perguntas mediadoras foram feitas por Pizarro, entre elas: 1. O que você está precisando? 2. Qual o seu processo metodológico de pesquisa? 3. Quais oportunidades você vai se dar para chegar ao seu processo? 4. O que é/onde está o eixo da sua pesquisa? 5. Quais são as afinidades para o presente pesquisar? 6. Quais são as intuições para a pesquisa? 7. Onde procurar as respostas/ perguntas? 8. Qual o sistema que guia sua pesquisa? 9. Qual sistema ancora a sua pesquisa? 10. O que escorre, espirra, não tem forma e é multidirecional na sua pesquisa? 11. Onde colocar atenção e intenção na pesquisa? 12. Onde/como a sua pesquisa cresce/se multiplica? 13. Qual o grau/nível de desenvolvimento da sua pesquisa hoje? 14. Se a pesquisa fosse um ser/bicho, que forma ela teria? 15. Quando invisto na minha pesquisa, o que é corpo da frente, corpo de trás e corpo do meio? 16. Quais os princípios somáticos da sua pesquisa?

Se nos debruçássemos em responder a todas essas perguntas em um tempo íntegro para tal exercício, teríamos outros tantos textos, peças, performances, etc. A natureza de tais perguntas sugere que os processos criativos vivos e artísticos não tenham separações, mas que confluam e coabitem no ambiente em princípios somáticos, em fluxo, em movimento, que gera outro movimento, que gera uma pausa, uma imagem, **movimento-imagem-ideia** (Vieira, 2016), que se desfaz para fazer-se novamente de formas múltiplas, gerando impulsos, moveres — produzindo conhecimento corporalizado, criação viva-artística.

Figura 1 – experimentação do corpo de trás, do meio e da frente



Fonte: foto de Diego Pizarro (2023)

Conforme apresentado no resumo, utilizamos algumas das perguntas, passíveis de serem identificadas em títulos e no corpo textual, para a presente escrita. Convém ressaltar que o tempo de corporalizar essas perguntas catalisadoras e/ou propulsoras para fazeres-pensares-sentires, na experiência de cada pessoa pesquisadora, acontece em uma fonte inesgotável de possibilidades, sendo única, não comparável e não hierarquizável em cada experiência. Basta dar vazão, tomar tempo, descansar profundamente em cada uma delas, para as pistas começarem a pulular de cada sentença ou de sentenças combinadas/continuadas. Interessante como o tempo da Somática realmente é outro, por isso a pergunta de n.º 3 guia essa sessão, assim como a de n.º 16 guiou a anterior e outras permeiam essas, e essas permeiam outras — em **continuum**.

Integrar em vivências esse processo de experiência da primeira pessoa do singular e plural propicia novos modos de pesquisar. É pelo corpo, pelo movimento visível, e/ou invisível que a sequência de **insights**, acontecimentos, reverberações, imaginações e criações se dá sem hierarquização, mas em níveis de complexidade na sabedoria somática de cada pessoa. Ao permitir-nos adentrar os processos em (m)o(n)dulações por **visualização, somatização e corporalização** (Bainbridge Cohen, 2015) propostos nessa experiência curricular intensiva (ESPA) — dentre outras abordagens —, nós massageamos e deslizamos perspectivas e saberes enrijecidos, para abrir espaços mais porosos para nossa sabedoria somática guiar os processos em prática como pesquisa artística, em escrita corporalizada de nossas dissertações.

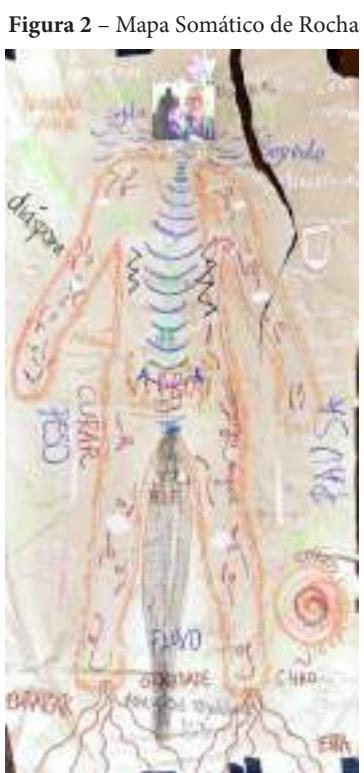
Segundo Cohen (2007), a visualização é a imaginação de aspectos do corpo, trazendo informações sobre sua existência. [...] A somatização é a sensação de partes e estruturas corporais informadas pelo toque, pelo movimento e demais sentidos. [...] Já a corporalização não é algo que se faz, pois corresponde a consciência das células por elas mesmas (Pizarro; Cunha, 2017, p. 23).

O laboratório, ao laborar as questões pregressas de cada pesquisa e as colhidas/elencadas durante o componente, são/serão respondidas pelo movimento, pelo corpo; é no corpo que os entrecruzares do sujeito-objeto-tema, do ente simbiótico experimentador, se dão nos múltiplos-possíveis-lugares e nos entrelugares, criando respostas e novas perguntas para cavar novas respostas em novas perguntas, em **continuum**. “A somática entende o sujeito da pesquisa como imerso no ambiente pesquisado, e enfatiza a criação de conhecimento a partir da perspectiva do pesquisador, que passa a ser em si mesmo, e em suas relações com/no meio, o próprio mote da pesquisa” (Fernandes, 2019, p. 123).

O mapa somático teve e tem profunda relevância no desenvolvimento de nossas pesquisas: é espaço de criação, memória, registro, rastro, afeto, descobrimentos e novos enredares/enveredares. Revisitá-lo, relê-lo e mover a partir dele proporcionou momentos/movimentos pujantes no pesquisar, como, por exemplo, a apresentação das pesquisas no componente obrigatório Seminários de Pesquisa em Andamento (SPA) do PPGAC/UFBA. Para Parras, o mapa somático forjou entendimentos e a produção do mapa conceitual da pesquisa para a apresentação no SPA, sendo esses os elementos extra corpo que ancoraram, naquele momento, sua exposição para professor e colegas. Rocha, em seu SPA, performou, vestindo seu mapa rasgado ao som de música dançada pela plateia, a seu convite. Ele estava cercado de suas referências, com livros sobre a mesa e uma fita zebraada o dividia da plateia, ele olhava nos olhos das pessoas dançantes ao cortar a fita e continuava assim, sua performance com exposição em fala.

Mapa Somático 1 – Franklin Rocha

Rasgo



Fonte: Foto de Diego Pizarro (2023)

Sobre a Figura 2, é importante ressaltar que a fotografia colada no mapa em que Rocha está ao lado de seu pai em projeção, e ele em pé em frente à imagem, foi uma foto tirada durante sua performance *Eu não falei para o meu pai que eu tinha aids* (2022), obra investigada em sua pesquisa. Outra informação importante no mapa, além dos escritos, desenhos e grafias vá-

rias, é o rasgo de cima até seu meio. Esse rasgo tomou dimensão maior no mapa no dia de sua performance no SPA, anteriormente mencionada, na qual Rocha veste seu mapa e desfila durante reprodução de música mecânica *Hello* de Vivas *feat.* Loka de Efavirenz (2019). A partir das práticas vivenciadas no componente SPA, outras surgiram e surgirão.

Coincidentemente ou não, o mapa somático de Rocha foi rasgado ao performar com ele duas vezes. Na primeira vez, aconteceu num momento de inter-relação com outros participantes-pesquisadores, no componente SPA. Esse **rasgo** simbólico e performativo, vem promovendo, no espaço acadêmico, uma abertura pela urgência de questões contemporâneas como a epidemia de Aids, que não acabou. Convidamos a pessoa leitora a imaginar-se dançando, movendo, expandindo, expondo-se, contaminada pela dança das palavras de Rocha:

E mais uma vez, depois de provar o gosto de ser hiv, como tenho sede pela cura da aids! Da visibilidade de suas temáticas e expansão na ressignificação dos estigmas que perseguem cruelmente pessoas que vivem com hiv/aids; continuemos esse contágio viral para dançarmos o hiv/aids. “Meter o loko até termos a cura”, como brada Franco Fonseca (2020, p. 8), chamado do qual me apropriei no atravessamento de sua prática contaminada, como seu afeto colateral.

[...] afeto colateral é uma noção que venho desenvolvendo desde então, já usava muito essa expressão escrita, mas não havia pensado em seu poder de aplicação à poética da aids. Contudo, nos últimos meses venho investigando as relações afetivas da minha sorologia com o mundo a minha volta e como isso reage nas artes (Fonseca, 2020, p. 95).

Eu propus, em ato de afeto colateral, no componente Seminário de Pesquisa em Andamento, que as pessoas presentes a dançassem comigo, dançassem comigo até a cura. “É difícil acreditar que a cura virá se ela não ocupar nossos imaginários” (Fonseca, 2020, 72). Nessa oportunidade, performei pela segunda vez o meu mapa somático na apresentação de meu anteprojeto de mestrado.

No xirê (Carvalho, 2023, p. 49) promovido em sala de aula, performamos juntos. Não posso deixar de expor que meu mapa foi ganhando novas formas, frente e verso; frente uma silhueta de um sistema imunológico hipoteticamente indisciplinado; no verso, um ebó, um ilá, (Carvalho, 2023, p. 52), som gutural, preso na garganta, para ser posto para fora, gritado, gestos com sons e sem som, querendo soltar palavras que contaminassem o espaço e os outros corpos presentes. Até ganhar forma de um barco, como a iniciação no Candomblé, um barco que carrega outros iniciados, infectados viralmente.

Dançar meu mapa somático foi provocativo para recepção, experimentação, experiência em coletivo, me senti em uma arena, revelando uma camada de mim, minha pele aberta expandida.

A pele é o nosso limite natural mais óbvio contém tudo que há em nós e é a distinção mais evidente entre o interior e o exterior. Se por um lado, nos contém, por outro, a pele apresenta um certo grau de permeabilidade, permitindo a troca de líquidos e substâncias químicas com o mundo (Aposhyan, 2001, p. 144).

Naquele espaço-sala, oferendei minha verdade, falei abertamente sobre hiv, aids, sem capa, sem culpa, sem vergonha, uma possibilidade entre: sou HIV, mas não sou o vírus, você não consegue ver, porque não quer, tem medo; o que lhe impede de ver e enxergar? Sou invisível? Sou indetectável igual a intransmissível, não transmito o vírus. Sua ignorância não permite enxergar essa vivência que pode ser de qualquer um de nós?

Essa escrita pretendeu ser como um vírus, contaminar o interlocutor a partir da premissa convencionada de que a Somatica, como prática, usada como metáfora, pode ser capaz de infectar outros corpos e provocar outro modo de existência e experiência, saber com o corpo todo e de forma integral, relacional, interacional com outros corpos.

O pensamento de Susan Aposhyan (2001) em relação à integração corpo-mente e ao desenvolvimento humano pode sintetizar a proposta de pensamento contaminado da prática somática na possibilidade de criar mudanças, como é proposto em uma de suas afirmações. “A arte de viver é basicamente essa dança entre cura, desenvolvimento e transformação. Dança multidimensional e paradoxal, na qual, às vezes, caímos para nos levantar e nos desintegramos para nos tornarmos um todo” (Aposhyan, 2001, p. 191). Com isso, “Incluir e integrar a sabedoria e a criatividade do corpo todo constitui a inteligência natural” (Aposhyan, 2001, p. 10).

Figura 3 –Compilado de fotos: Rocha performando com seu mapa somático



Fonte: fotos de Diego Pizarro e Alice Cunha (2023)

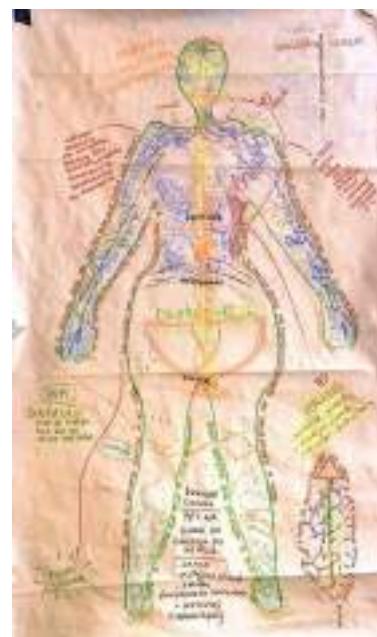
Lançar corpo (não só mão) e apostar em como os procedimentos e processos extracorpo, com materiais diversos, auxiliam e fomentam a pesquisa além da escrita formal, significa entender que mapas e outras formas de criação, como a escrita performa-

tiva na academia, urgem em processos de (des)educação. “A PaR funciona como um modo de horizontalizar sabedorias, valorizando modos plurais através dos quais conhecimento é produzido, visibilizado e difundido” (Fernandes; Pizarro; Scialom, 2024).

Mapa Somático 2 – Raquel Parras

Rastro

Figura 4 –Mapa Somático de Parras



Fonte: Foto de Diego Pizarro (2023).

O mapa somático me traz a ideia de rastro, aproximando-a da de transdução, pois o que está grafado no papel não é o que foi experienciado pelo corpo em processos de corporalização, mas uma escrita outra sobre e, ao mesmo tempo, com o acontecimento. Não há hierarquização entre uma coisa e outra, pelo contrário, elas coabitam o **soma**, sua temporalidade e espacialidade. O mapa somático foi composto por registros e elaborações de respostas em tempo real durante os encontros do componente, e de toda vivência experienciada nele. O que o constitui é o rastro de um processo que foi informado, informa e informará a pesquisa, de forma simultânea e/ou espiralada. Até hoje observo meu mapa e ele sempre tem algo a me dizer ou lembrar. Trarei a noção yanomami de **imagens-rastros**, para ajudar a falar da minha percepção sobre o mapa somático, pois, para mim, ele não tem ligação com a noção de representação/ilustração do que aconteceu em prática de corporalização, mas de uma transdução dessa prática para outra, que integra a experiência em questão.

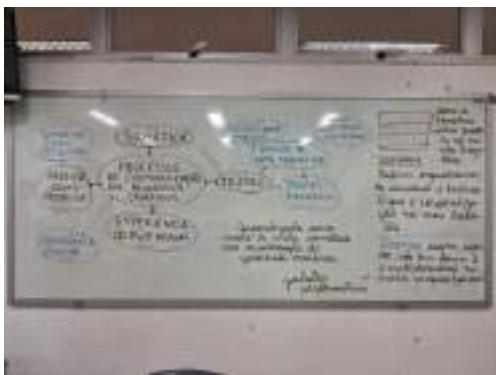
A noção de “ser (com valor de) imagem” (*në utupë*) constitui, conforme dissemos, o centro de gravidade conceitual da ontologia e da cosmologia yanomami. Ela define tanto a essência vital/a imagem corporal, que constitui o núcleo de todo ente, como o modo de ser dos ancestrais mitológicos (*yarori pë*) aos quais dá

acesso o “ver” do sonho e do transe xamânico. Porém, nenhuma dessas “imagens” era jamais transposta para um suporte material enquanto representação figurada. Os Yanomami, claro, usam pinturas corporais [...] Entretanto, o repertório gráfico [...] não tem nada a ver, na língua yanomami, com o conceito de “imagem” (*utupë a*). Tais elementos gráficos são designados como “rastros”, “pegadas”, ou talvez melhor, “marcas” (*ono ki*). [...] trata-se de “rastros” reinventados a serviço de uma nova função: a tradução — ou melhor, a transdução — gráfica de um universo cosmológico outrora unicamente acessível como “imagens” *utupa pë* (plural) do transe xamânico ou, indiretamente acessíveis, para as “pessoas comuns”, por intermédio do corpo dos xamãs (coreografias e cantos). [...] são espécies de “mitogramas” experimentais, ao mesmo tempo individuais e para uso externo. (Albert; Kopenawa, 2023, p. 86-88, itálicos do original).

Guardadas as devidas proporções e naturezas, percebo o mapa somático como essa transdução da prática de corporalização para a ““pele de papel” (*papeo si ki*) ou “peles de imagens” (*utupa si ki*)” (Albert; Kopenawa, 2023, p. 88), de um **rastro-pegada-marca** da experiência da prática corporalizada para a grafia em e com materiais extra corpo, guiada pela prática corporalizada. Um eco pictórico de reverberações multiformes em outras materialidades e temporalidades, que visita-informa a pessoa da experiência no ato em si, da prática e grafia, e em seu passado, presente e futuro, de forma espiralar (Martins, 2002). O mapa somático se instaura como uma das múltiplas escritas que abrem espaços para outros tipos de escrita surgirem a partir do conhecimento corporalizado, na academia e além.

Escrita que dá a ver um corpo: incorporada, performativa. Inspiradas em Saber de Mello e col. (2020), entendemos que falar sobre nós mesmas talvez seja cometer desvios a fim de encontrar sonoridades nas experiências, escapando das generalizações que silenciam as diferenças. A subjetividade de quem escreve anuncia que a escrita tem nascedouro no âmago: sempre atravessada, riscada, marcada, ao avesso, forjada (Guedes et al, 2022, p. 4).

Figura 5 – Mapa Conceitual



Fonte: foto Raquel Parras, 2023

Na figura 5, está o mapa conceitual para a apresentação no SPA, com o mapa somático exposto no chão e o mapa conceitual no quadro branco, assim como um movimento leva a outro, aqui, um mapa levou ao outro. Experienciei, a partir dos mapas, como a minha pesquisa se apresentava para mim mesma e como ela me levou a apresentá-la para o professor e colegas, dentro do componente obrigatório.

Abre-se, então, a partir de agora, um espaço para os relatos de experiências práticas de Rocha e Parras, a partir dos princípios somáticos experimentados durante o componente que reverberaram, ecoaram em práticas e processos de ambas as pesquisas.

Relato n.º1 – Franklin Rocha

A escrita performática se dá como um comportamento
V ir A l,
de INVASÃO
que
de sorg aN iz a
AS COISAS,
reorganiza tentando relacionar a experiência somática com a
própria vivência como pessoa

com hiv/aid\$ há mais de duas décadas.

Imaginemos um sistema imunológico
corrente sanguínea
substâncias
líquidos

células.

E agora uma Invasão Virulenta e contágio em/da prática somática...

PRINCÍPIOS:

Pausa
Respiração Celular
Impulso

Fluxo
Movência Movência Movência Movência Movivência Movência

Movivência Movência

Criatividade

Improvisação

Interação

Fui reconhecendo, durante o encontro de desenvolvimento do Mapa Somático, a pausa (dinâmica), a necessidade do descanso profundo antes de iniciar processos artísticos, o ritmo da respiração, o impulso, o fluxo energético e sua interação com outras energias das pessoas participantes no sentido da

corporalização — sentir, perceber e agir (Bainbridge Cohen, 2015). A Performance, a relação espaço/tempo, as interações, o acolher, o doar, o afeto, as sensações, percepções e conhecimento mergulhado no corpo e do que ali surgia, emergia, sem inibição. Uma imersão, expansão do pensamento e corpo, de esvaziar e deixar o inconsciente agir no descanso profundo, sonhar. A vontade era me manter em contato com o chão, a gravidade me empurrava para o chão, rompimento com a verticalidade compulsória. Por mais que meu corpo pessoal quisesse se manter em horizontalidade, o descanso profundo vibrava meu cóccix. Pensava com os órgãos, com atenção às partes do corpo, às extremidades. Vibrava entre o umbigo, irradiava para diferentes direções, meu corpo perineal (cóccix, púbis, ânus, ísquios). “Embriologicamente as células do coração vêm de onde será o ânus” (Pizarro, 2023, informação verbal)⁵. O eixo de minha pesquisa percebi como umbilical (pergunta de nº 4), estava em gestação, precisava se ancorar, tem cauda, raízes nos pés, intuía que movia (movimento homolateral e contralateral), o contato com o chão, terra, reconexão com o que a terra dá e o que a terra quer (Bispo dos Santos, 2023), despertando para o colo da ancestralidade, dimensão e conexão espiritual e de cura. O animal da minha pesquisa foi o cágado (pergunta nº 14). No Candomblé, é o animal do orixá Xangô (bicho da longevidade, paciência, resistência, sabedoria, proteção). A prática somática me permitiu mover com esse animal. Disponibilizo abaixo o QR Code de continuação da contaminação da prática Somática. O filósofo Antônio Bispo dos Santos (2023, p. 19) diz que “Os humanos não se sentem como entes de um ser animal. E essa desconexão é o efeito da cosmófobia”, propõe assim, que tenhamos uma postura contracolonial.

Figura 6 – Qr Code com acesso ao vídeo: experimentação prática do animal (cágado) da pesquisa de Rocha.



Fonte: filmagem de Diego Pizarro (2023)

Relato n.º2 – Raquel Parras

A pesquisa na água surgiu depois de um momento em Itapuã, Salvador, Bahia, na praia da Poesia, em que o mar estava calmo e propício para mergulhar. Naquela tarde em Itapuã, elenquei o citoesqueleto, mais precisamente os microtúbulos e seus fazeres e desfazeres, para investigar pelo movimento, conforme a necessidade somática, em meio aquoso. Na prática em questão, era mister perceber a relação entre oceano interno e externo (prática também experienciada — somatização pelo citoesqueleto — em uma das aulas do componente ESPA). Antes disso, lembro-me agora enquanto escrevo, que a última aula com Pizarro foi na praia do Cristo, em Ondina, Salvador (Figura 7), e antes disso também participei de uma oficina na Praia do Porto da Barra, com Pizarro e Ciane Fernandes, em maio de 2023. As pistas aquáticas/aquosas são professoras, têm muito a ensinar sobre nosso mar e o movimento interno/externo no mundo.

Apesar de a ênfase da imersão ser também num mergulho celular interno, este é estimulado e facilitado pela sensação do aconchego do ambiente imersivo aquoso, seguido de constantes e gradativas adaptações entre o impulso de movimento e o seu desenrolar no ambiente, com sucessivos feedbacks entre ser(es) e meio(s) (Fernandes, 2023, p. 312).

Em Brasília, novembro de 2023, estive em prática individual em piscina aquecida. A quentura da água me levou a fluir, relaxar e perceber a possibilidade-potência de estados relaxados em um compromisso com a aprendizagem celular, ou seja, deixar que as células ajam por elas mesmas. Quando entrei, fui sendo guiada pela necessidade/vontade corporal, pela sabedoria somática, não tinha muito tempo, mas o tempo que tive, habitei-o. Comecei nadando, alongando, fazendo agachamentos e giros. Depois fui boiar na intenção do descanso profundo. O meu nariz era a única parte que ficava para fora da água. Percebi uma tensão no pescoço que, depois de massageá-lo, distensionou e, em pausa (boiando), percebi meu corpo pendendo naturalmente para o lado esquerdo em giro, fazendo com que o meu pé encostasse no chão da piscina (1,20m). Essa experiência me lembrou da proposição experimentada no componente curricular ESPA, demonstrada na figura 1, em que, apoiados pela lateral do corpo (direita ou esquerda), percebemos com o tempo para onde o corpo iria girar, se para frente ou para trás. Proposição esta seguida de outras tantas experimentações em embriologia corporalizada, sobre a terceira semana de gestação e, em específico, sobre a linha primitiva.

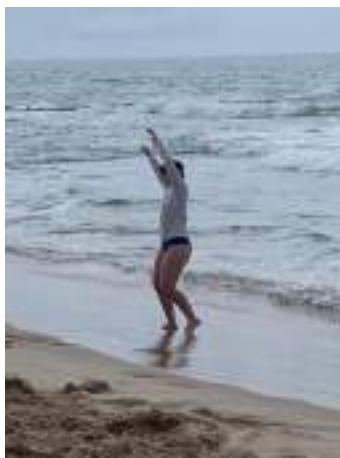
⁵ Durante o encontro do dia 24/11/2023 do componente curricular ESPA, o professor Diego Pizarro, em aula, explicou a diferença entre Prática Artística como Pesquisa (Par) como abordagem metodológica e Somática como metodologia, os modos de inovar e gerar conhecimento, expansão da cognição, múltiplos modos de aprender e nos relacionar com o mundo. Em sua explanação sobre o corpo perineal e embriologia, ele mencionou que o coração e as células se desenvolvem do ânus.

Nesse momento [terceira semana de gestação], temos duas camadas: o endoderma e o ectoderma. Durante a terceira semana, uma linha de células, chamada linha primitiva, cresce da extremidade *caudal* (cóccix) do disco embrionário. Ela delinea o nosso eixo central. Esse é o começo da terceira camada, o *mesoderma*, separando o endoderma e o ectoderma.

Da linha primitiva nascerá a notocorda. Essa estrutura fundamental, que tem a consistência de uma uva firme, alonga o disco de três camadas longitudinalmente, estabelecendo uma simetria bilateral. [...] Do endoderma irão se desenvolver o trato digestório e os órgãos relacionados, e do ectoderma irão se desenvolver a nossa pele e o sistema nervoso (Bainbridge Cohen, 2015, p. 291, itálicos do original).

Imaginar e praticar são caminhos infinitos que a Somática nos oferece para a pesquisa artística. Considerando a diferença entre os comprometimentos artísticos e somáticos — o primeiro voltado à estética e o segundo ao modo de vida/bem-viver (Pizarro, 2023, informação verbal)⁶ —, propomos uma pergunta a ser respondida pelo corpo durante o processo das pesquisas: como o descanso profundo e outras práticas somáticas, em movimentos visíveis e invisíveis do corpo, podem se transformar de um modo de ser-estar no mundo em um compromisso estético performático, em teatralidade, sem que isso se reduza a uma simples transferência procedural?

Figura 7 – Parras em prática na última aula do ESPA, Praia do Cristo em Ondina, Salvador, Bahia



Fonte: foto de Diego Pizarro (2023)

O tempo é uma pista, e a disponibilidade se cava na pausa, no movimento, no ceder das membranas ao toque da pele no chão, seguindo em direção ao centro da Terra. O solo, que sustenta, absorve e nutre, integra uma presença íntegra para aquilo que requer estar presente, seja o corpo-ambiente, o ente simbiótico,

ou o ato performático em si. Esse processo de desprender-se, desinibir-se e *espacializar-se* atua como propulsor de modulações sensoriais e de uma potência viva, criativa, poética e estética.

A disponibilidade do corpo descansado na **sociedade do cansaço** (Han, 2015) pode ser uma pista para habitar em criações com fluência na realidade corporal do *soma*, diferente do enrijecimento que estanca em vez de dar vazão a imaginários diversos e divergentes, em prática como pesquisa — nos nossos interesses em questão.

O descanso profundo como espécie de um **pré-movimento** visível, pois da pele para dentro infindáveis movimentos ocorrem (por isso o negrito), sustentado em pausa na respiração celular, nas trocas e moveres internos e externos, afirmam caminhos em práticas contracoloniais, em processos criativos vivos-artísticos. Sempre em busca de práticas somáticas que oportunizem modos de vida do bem-viver, no reconhecimento dos processos internos que integram a corporeidade para os externos e vindouros. Fluência e porosidade ao invés de encurtamento e rigidez do mover-pensar-sentir. Padrões criam mitos e mundos. Quais culturas em processos criativos vivos-artísticos escolhemos para habitar/criar? Como a prática artística como pesquisa possibilita esses processos?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ensaio, foram expostas algumas experiências vivenciadas no componente curricular ESPA em movimento dialógico com as pesquisas de mestrado em andamento das pessoas autoras, propondo e provocando movimentos e reverberações em ambas as pesquisas. Princípios somáticos foram apresentados e corporalizados neste ensaio na intenção de ratificar a importância do campo de conhecimento da Somática para a Prática Artística como Pesquisa, na expansão e criação de paradigmas e paradoxos nas pesquisas em Artes Cênicas. O texto busca evidenciar, em sua estrutura, a apresentação de suas bases epistemológicas para abordar os princípios somáticos, defendendo o conhecimento corporalizado e suas produções multimodais e pluripestêmicas formas de criação, ou seja, dar vazão às experiências de práticas somáticas como um novo paradigma expandido de conhecimento, pesquisa e modo de viver e se relacionar com o mundo de forma transdisciplinar, indisciplinar, espiritual, onírica, dentre outras.

Para tal experiência e elaboração das presentes palavras e imagens, foi necessária a implicação prática das pessoas autoras em somatizações, corporalizações, anatomia e embriologia experienciais. Em disposição e disponibilidade para ser e estar praticante nas conduções de terceiros ou nas individuais, em processos de cura, descoberta, autorregulação via sabedoria so-

⁶ Informação dada em aula do componente curricular ESPA. Fala proferida em explanação sobre o Campo de Conhecimento da Somática em relação às Artes Cênicas e aos modos de vida que cultivam o bem-viver (Krenak, 2020).

mática e conhecimento tácito somático, integrando e honrando nossa realidade corporal, nosso **soma**.

Foi necessário o mergulho no oceano interno, para nadar e descobrir corais e cristais das nossas pesquisas, nossas metodologias. Esses campos abertos pelo campo de conhecimento da Somática e seus princípios são propulsores de pesquisas artísticas acadêmicas vivas, que insistem em disputar lugares em processos vivos na academia, produzindo conhecimento a partir das células, do movimento, da corporalização em Prática Artística como Pesquisa nas Artes Cênicas.

REFERÊNCIAS

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. **O Espírito da Floresta**. Trad. Rosa Freire D'aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

APOSHYAN, Susan. **Inteligência Natural: Integração Corpo-Mente e Desenvolvimento Humano**. Trad. Leila Mascioli. Brasileira. Barueri – SP: Editora Manole, 2001.

BAINBRIDGE COHEN, Bonnie. **Sentir, perceber e agir: educação somática pelo método Body-Mind Centering®**. Tradução de Denise Maria Bolanho. São Paulo: edições Sesc São Paulo, 2015.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora; PISEAGRAMA, 2023.

CARVALHO, Xandy. **Meu Corpo Terreiro: uma performance dançada na memória pela Pedagogia do Encontro**. Rio de Janeiro: Ori Editora, 2023.

DANDO *. Hell0. [Compositor e intérprete:] Loka de Efavirenz. **Vivas (Dando Version)**, 2019. Áudio. Disponível em: <https://soundcloud.com/dandoafesta/hell0-feat-loka-de-efavirenz-vivas-dando-version>. Acesso em: 27 out. 2024.

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. Trad. Letícia Mei. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FERNANDES, Ciane. **Dança Cristal: da Arte do Movimento à Abordagem Somático-Performativa**. Salvador: EDUFBA, 2018.

FERNANDES, Ciane. No movimento das marés: Somática, imersão como pesquisa e criação em dança. In: FERNANDES, Ciane; SANTANA, Ivani; SEBIANE, Leonardo. **Somática, Performance e Novas Mídias**. Salvador: EDUFBA, 2023. p. 303-320.

FERNANDES, C. Movimento e Memória: Manifesto da Pesquisa Somático-Performativa. In: Anais do VII Congresso da ABRA-CE, 13, 2012, Porto Alegre. **Tempos de Memória: vestígios, ressonâncias e mutações**. Campinas: Anais da ABRACE, 2018. 1-6. Disponível em: <https://www.iar.unicamp.br/publionline/abrace/hostingiar.unicamp.br/publionline/index.php/abrace/issue/view/96.html>. Acesso em: 10 out. 2024.

FERNANDES, Ciane; SCIALOM, Melina. Prática Artística como Pesquisa no Brasil: Reflexões Iniciais. **Revista de Ciências Humanas**, Viçosa, v. 22, n. 2, Julho-Dezembro, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/14230>. Acesso em: 10 out. 2024.

FERNANDES, Ciane. Somática como Pesquisa: autonomias criativas em movimento como fonte de processos acadêmicos vivos. In: CUNHA, Carla Sabrina; PIZARRO, Diego; VELLOZO, Marila Annibelli (orgs.). **Práticas somáticas em dança: Body-Mind Centering™ em Criação, Pesquisa e Performance**. Brasília: Editora IFB, 2019. p. 121-137.

FONSECA, F. Agora chupa essa manga - a cena pós coquetel: interfaces da aids nas artes da cena. 2020. 155 f. Dissertação (Mestrado em Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

GUEDES, Adrienne Ogêda; ROSA, Carolina Cony Dariano da; BEMVENUTO, Virna da Silva; BEMVENUTO, Vitória da Silva. Quando escrever é mover: Por uma (des)educação performativa na escrita acadêmica. **Urdimento**, Florianópolis, v. 2, n. 44, set. 2022. Disponível em: [10.5965/1414573102442022e0103](https://doi.org/10.5965/1414573102442022e0103). Acesso em: 23 set. 2024.

HAN, Byug-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Trad. Enio Paulo Giachini. 2ª edição ampliada. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

KRENAK, Ailton. **Caminhos para a Cultura do Bem-viver**. Rio de Janeiro. 2020. E-book (37p.) (Bem Viver e o sentido da natureza). color. Disponível em: <https://cdn.biodiversidadla.org/content/download/172583/1270064/file/Caminhos+para+a+cultura+do+Bem+Viver.pdf>. Acesso em: 27 out. 2024.

MARTINS, Leda Maria. Performances do Tempo Espiralar. In: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia (Orgs.). **Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais**. Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas, Faculdade de Letras, UFMG, Poslit. 2002. p. 69-91.

NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da Transdisciplinaridade.** Tradução: Lucia Pereira de Souza. São Paulo: TRIOM, 1999.

NÓBREGA, Juliana Janaína Tavares. Ecologia dos Saberes: a interdisciplinaridade para pensar a educação e seus diálogos. **Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação**, Caiçó, v. 23, n. 3, p. EN01, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/32405>. Acesso em: 24 mai. 2024.

PIZARRO, Diego. **Anatomia Corpoética em (de)composições: três corpus de práxis somática em dança.** 418 f. il. 2020. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Escola de Teatro, Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2020. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32962>. Acesso em: 24 maio 2024.

PIZARRO, Diego; CUNHA, Carla Sabrina. **Mitopoiesis: dança, educação somática e biologia celular.** Brasília: IFB, 2017.

PIZARRO, Diego; FERNANDES, Ciane; SCIALOM, Melina. Somática e Prática como Pesquisa em Dança. **Revista Brasileira de Estudos em Dança**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 200–223, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rbed/article/view/55319>. Acesso em: 23 set. 2024.

QUEIROZ, L. Corporalização não é o que você pensa. In: ANAIS DO VI CONGRESSO DA ANDA, 2ª edição virtual, 2021, Campinas. **Anais do VI Congresso da ANDA**. Campinas: Galoá, 2021. 954-968. Disponível em: Corporalização não é o que você pensa | Galoá Proceedings. Acesso em: 10 out. 2024.

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. "Citoesqueleto"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/biologia/citoesqueleto.htm>. Acesso em 27 de outubro de 2024.

SANTOS, T. S. N. Ressonâncias e ontologias outras: pensando com o pensar Bantu-Kongo. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 45, p. 149-168, 2022. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/10798>. Acesso em: 24 maio 2024.

SCIALOM, Melina. A prática como pesquisa nas artes da cena: discutindo o conceito, metodologias e aplicações. In: FERNANDES, Ciane; SANTANA, Ivani; SEBIANE, Leonardo (org.). **Somática, performance e novas mídias**. Salvador: EDUFBA, 2022. p. 253-271.

SPATZ, Ben. *Notes for Decolonizing Embodiment*. **Journal of Dramatic Theory and Criticism**, v 33, n. 2, p. 9-22, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/dtc.2019.0001>. Acesso em: 24 maio 2024.

SOUZA, Elisa Teixeira de. *Embodiment* (Corporalização), Soma e Dança: alguns nexos possíveis. **Rev. Bras. Estud. Presença**, Porto Alegre, v. 10, n. 4, e92446, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2237-266092446>. Acesso em: 10 out. 2024.

VARELA, Francisco J.; THOMPSON, Evan.; ROSCH, Eleanor. **A Mente Incorporada: ciências cognitivas e experiência humana**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2003.

VIEIRA, Cristiane Paoli. **"Movimento-imagem-ideia": o percurso de uma prática**. São Paulo, 2016, 101 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27156/tde-05052017-120004/publico/CRISTIANEPAOLIVIEIRAVC.pdf>. Acesso em: 21 out. 2024.